

Enid Blyton

Os cinco na casa em ruínas



<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Série Os Cinco - 15

Editorial Notícias

End Blyton

Os cinco na casa em ruínas

Título original

FIVE ON A SECRET TRAIL

by Methuen and Ca, Ltd.,

London, 1961

Tradução de MARIA DA GRAÇA MOCTEZUMA

Texto digitalizado para ser lido

por Deficientes Visuais

## OS CINCO NA CASA EM RUÍNAS

Tudo começou quando o Tim apareceu com um enorme golpe numa orelha. quem adivinharia que um facto tão banal daria origem a mais uma aventura?

A casa em ruínas, o rapaz desconhecido, misteriosos ruídos, não menos misteriosas luzes, e eis os Cinco na pista de qualquer coisa que não compreendem - e que certamente terão de decifrar.

Por que motivo alguém quer assustar os pequenos e afastá-los da casa em ruínas? Onde fica o túnel que procuram e que oculta ele?

Não é de admirar que os Cinco tenham resolvido investigar. E não nos surpreende também que se vejam envolvidos em misteriosos acontecimentos, com muitas surpresas - boas e más - à mistura.

---

<sup>1</sup> Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.  
Se quiser outros títulos nos procure [http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

## Índice

Capítulo I - A Zé fica zangada

Capítulo II - A Ana vai ter com a prima

Capítulo III - A casa de campo abandonada

Capítulo IV - Naquela noite

Capítulo V - Outra vez o mesmo rapaz

Capítulo VI - Uma trovoadas durante a noite

Capítulo VII - Estranhos acontecimentos

Capítulo VIII - Novamente juntos

Capítulo IX - As ruínas romanas

Capítulo X - Que vai acontecer

Capítulo XI - Descobertas interessantes

Capítulo XII - Um óptimo esconderijo

Capítulo XIII - À espreita, na casa em ruínas

Capítulo XIV - Uma surpresa

Capítulo XV - Muito bem, Zé!

Capítulo XVI - A passagem secreta

Capítulo XVII - Muitas surpresas

Capítulo XVIII - A saída

Capítulo XIX - Novamente no Casal Kirrin

Capítulo XX - A aventura acaba como começou!

## Capítulo I

### A Zé fica zangada

- Mãe! Mãe, onde está? - gritou a Zé, correndo para casa. - Depressa, Mãe!

Não houve resposta. A mãe da Zé estava lá fora, ao fundo do jardim, apanhando flores. A Zé chamou-a mais uma vez, com toda a força.

- Mãe! Mãe! Onde está? É uma coisa urgente!

De repente, perto da Zé abriu-se uma porta e apareceu o pai da pequena, furioso.

- Zé, que barulho vem a ser este? Lembra-te de que estou no meio dum trabalho muito...

- Ó pai! O Tim magoou-se! - interrompeu a Zé. - Ele foi...

O pai olhou para o Tim, que estava atrás da pequena com um ar submisso.

- Magoou-se! Até o acho muito bem! Naturalmente enfiou algum espinho numa pata e tu julgas que é o fim do mundo, desatando a gritar dessa maneira, como se...

- O Tim está ferido! - exclamou a Zé, com lágrimas nos olhos. - Ora veja!

Mas o pai voltara a meter-se no escritório, batendo com a porta. A Zé lançou-lhe um olhar furioso, ficando parecidíssima com o seu irritável pai.

- Antipático! - gritou ela. - E... Oh! Lá vem a mãe. Mãe!

- Santo Deus, que se passa, Zé? - perguntou a mãe, pousando as flores. - Ouvi o teu pai gritar e agora és tu que gritas!

- Mãe, o Tim está ferido! - disse a Zé. - Veja! A pequena ajoelhou-se ao pé do cão e, com todo o carinho, puxou-lhe para baixo uma das orelhas. Ficou a descoberto um grande golpe. O Tim ganiu. A Zé olhou para a mãe com os olhos cheios de lágrimas.

- Não sejas pateta, Zé - disse a senhora. - Foi só um golpe. Como lhe aconteceu isto?

- Ele quis saltar uma vala e não viu um pedaço de arame farpado que lá estava - explicou a Zé -, O arame raspou na orelha e fez-lhe este horrível golpe. Não pára de deitar sangue.

A mãe da Zé examinou o golpe. Era bastante profundo. - Leva o Tim ao veterinário, Zé - disse ela. - Naturalmente tem que levar uns pontos. Parece bastante fundo. Coitado do Tim. Foi uma sorte não lhe ter apanhado um olho.

- Vou levá-lo já ao veterinário - disse a Zé, levantando-se. - Ele estará no consultório?

- Com certeza. É a hora da consulta - disse a mãe. - Leva-o já.

Assim, o Tim seguiu com a sua dona pelo caminho que ia ter à linda casinha de campo onde vivia o veterinário. A Zé ficou mais aliviada ao ver que o senhor não achou o caso nada grave.

- Com dois ou três pontos o golpe fica bom num instante - disse ele. - Segura-o enquanto eu lhe faço o tratamento. Vai doer-lhe um bocadinho. Vamos lá. Quietos! Muito bem!

Cinco minutos mais tarde a Zé agradecia de todo o coração ao veterinário. - Obrigado! Eu estava tão aflita! Agora não há perigo?

- Claro que não. Mas nunca o deixes coçar a ferida - disse o veterinário, lavando as mãos. - Pode fazer-lhe muito mal.

- Mas como poderei impedi-lo? - perguntou a Zé preocupada. - Repare, já está a coçá-la com a pata!

- Então tens que lhe pôr uma rodela de cartão a fazer de coleira - explicou o veterinário. - Deve ficar bem direita à volta do pescoço de maneira que as patas não possam chegar ao golpe por mais que ele tente.

- Mas... mas o Tim não vai gostar nada duma coisa dessas - disse a Zé. - Os cães ficam muito ridículos com coleiras de cartão como se fossem golas à volta do pescoço. Já tenho visto. O Tim vai detestar.

- É a única maneira de evitar que ele coce o sítio do golpe - disse o veterinário. - Adeus, Zé, tenho mais consultas a fazer.

A Zé foi para casa com o Tim. Este ia todo satisfeito com o alarido que a pequena fizera por sua causa. Quando estavam quase a chegar a casa, sentou-se inesperadamente e levantou uma das patas traseiras para coçar a orelha ferida.

- Não, Tim! Não! - gritou a Zé, assustada. - Tu não podes coçar! Era um sarilho se arrancasses o adesivo.

O Tim olhou para a sua dona, admirado. Muito bem! Se a Zé não queria que ele coçasse, esperaria até se encontrar sozinho.

Mas a Zé sabia ler os pensamentos do Tim tão bem como ele adivinhava os dela!

- Que maçada! - disse ela, de sobrolho carregado. - É preciso fazer-te uma coleira de cartão. Talvez a mãe me ajude.

A mãe ajudou-a da melhor vontade. A Zé não tinha jeito para coisas desse género e ficou vendo a mãe cortar uma grande rodela de cartão, ajustando-a depois à volta do pescoço do Tim e finalmente atou-lhe as extremidades com cordéis, para ele não a poder tirar. O Tim estava muito surpreendido mas permanecia quieto, cheio de paciência.

Logo que a coleira ficou pronta e bem presa ao seu pescoço, o cão afastou-se. Depois, levantou uma das patas de trás para coçar a orelha mas, claro está, não conseguiu ir além da coleira, limitando-se a arranhar o cartão.

- Não te importes, Tim - disse a Zé. - Isto é só por uns dias.

A porta do escritório, que ficava próximo, abriu-se e apareceu o pai da Zé. Ao ver o Tim com a sua coleira, parou surpreendido. Depois desatou às gargalhadas.

- Ó Tim! Tu pareces a rainha Isabel I, com a sua gola engomada! - disse ele.

- Não faça troça, pai - pediu a Zé. - Bem sabe que os cães não gostam.

Realmente o Tim parecia ofendido. Voltou as costas ao pai da Zé e foi para a cozinha. Ouviu-se uma sonora gargalhada vinda dali e outra pessoa começou a rir-se na porta que dava para o quintal. Era o leiteiro.

- Ó Tim, para que andas com esse cartão? - perguntou a cozinheira. - Ficas tão bem apanhado!

A Zé zangou-se e continuou amuada durante todo o dia, aborrecendo a família inteira. As pessoas eram tão más por se rirem do Tim! Não compreenderiam como era desagradável andar com uma rodela de cartão como aquela. E o Tim não a podia tirar nunca, nem de dia nem de noite. Até lhe custava deitar-se. A Zé andava dum lado para o outro com um ar tão zangado que a mãe começou a impacientar-se.

- Ó Zé, não sejas pateta! O teu pai acaba por se aborrecer. O Tim deve usar a rodela de cartão pelo menos uma semana, bem sabes. Na verdade parece um tanto cómico quando se vê pela primeira vez. Mas ele daqui a pouco nem dará por ela.

- Todos fazem troça dele - disse a Zé, furiosa.

- Há bocado foi ao jardim e uma porção de miúdos puseram-se em cima do muro a rir perdidamente. O carteiro disse-me que era uma crueldade. O pai acha que ele fica ridículo e...

- Ó Zé, não comeces com um dos teus ataques de mau génio - pediu-lhe a mãe. - Lembra-te de que a Ana em breve deve estar aqui. E não se divertirá se te portares dessa maneira.

A Zé continuou zangada no dia seguinte. Então, depois de dois dissabores com o pai por causa do Tim, doutro com dois rapazes que se riram dele e de mais um com o rapaz dos jornais, resolveu não ficar no Casal Kirrin nem mais um dia!

- Vamos levar a minha barraca de campanha e ficamos sozinhos em qualquer parte - disse ela ao Tim. - Num sítio em que ninguém te veja até a tua orelha estar melhor para poderes tirar esse horrível cartão. Não achas boa ideia, Tim?

- Uuuuf! - fez o Tim, pois achava que todas as ideias da sua dona eram esplêndidas.

- Até os outros cães fazem troça de ti - disse a Zé, amargamente. - Viste como aquele idiota do pêlo-de-aramé da Sr.a James ficou parado a olhar para ti? Parecia exactamente que se estava a rir. Eu bem sei que tu não toleras uma coisa destas!

O Tim certamente não gostara mas na verdade não estava tão preocupado com o cartão como a Zé. Seguiu a pequena até ao quarto e ficou a vê-la meter algumas coisas numa maleta de mão.

- Vamos para qualquer sítio isolado, no campo - disse-lhe ela. - Armamos a nossa barraca junto dum regato e ficaremos aí muito bem instalados até a tua orelha estar melhor. Partimos esta noite. Levo a minha bicicleta e amarro a bagagem atrás do selim.

E a meio da noite, quando o Casal Kirrin estava escuro e silencioso, a Zé, acompanhada pelo Tim, desceu as escadas com todo o cuidado. Deixou um bilhete sobre a mesa da sala de jantar e foi buscar a bicicleta. Amarrou-lhe a pequena barraca de campanha e a mala contendo alimentos e outras coisas necessárias.

- Vamos - segredou ela ao surpreendido Tim.

- Partimos já. Eu vou pedalando devagar para que tu possas correr ao meu lado. Peço-te por tudo que não ladres.

Desapareceram na escuridão da noite; o Tim correndo como uma sombra ao lado da bicicleta. Ninguém dera pela partida da Zé. O Casal Kirrin



continuava em paz e sossego e só o portão ficou a bater pois a Zé esqueceu-se de o fechar.

Mas pela manhã, que grande sarilho! Joana, a criada, foi a primeira pessoa a encontrar o bilhete da Zé não percebendo o que faria na mesa da sala de jantar uma carta com a letra da pequena. Correu ao quarto de dormir da Zé e espreitou lá para dentro.

A cama estava vazia. A Zé não estava lá e o cesto do Tim também estava vazio. A Joana foi levar o bilhete à senhora.

- Valha-me Deus! A Zé às vezes é muito pateta

- disse ela depois de o ler. - Vê lá tu, Alberto, tanta coisa só por causa do Tim! Agora a Zé foi-se embora com ele, sabe-se lá para onde!

O marido pegou no bilhete e leu-o em voz alta.

- Querida Mãe: Vou passar alguns dias fora até a orelha do Tim estar melhor. Levo a minha barraca de campanha e mais algumas coisas. Não se preocupe, por favor. Diga à Ana que se quiser vir ter comigo ao fim do Caminho dos Carroceiros, eu depois levo-a ao sítio onde tenciono acampar. Diga-lhe que vá ao meio-dia.

Um beijo da sua Zé.

- Está muito bem! - exclamou o pai da pequena. - Deixa-a acampar, se ela assim quer. Estou farto de a ver mal-humorada. Diz à Ana que vá ter com ela pois assim talvez eu consiga estar alguns dias em paz.

- A Zé ficará em segurança - disse a mãe da pequena. - É muito sensata e tem o Tim com ela. Esta manhã mal a Ana chegue, hei-de pedir-lhe que vá ter com a prima.

Quando a Ana chegou à estação de Kirrin e procurou a Zé e o Tim não os viu. Só a tia estava à sua espera, sorrindo como de costume.

- Que se passa? - perguntou a Ana. - Onde estão a Zé e o Tim?

- A Zé foi-se embora sozinha - disse a tia Clara. - Vamos andando e eu conto-te.

## Capítulo II

### A Ana vai ter com a prima

A tia Clara depressa contou à Ana o que se passara com a orelha do Tim e com a rodela de cartão. A Ana não pôde deixar de sorrir. - Ó tia Clara, a Zé tem uma loucura pelo Tim! Vou ter com ela ao meio-dia e claro que também fico acampada um ou dois dias. O tempo está óptimo! Vai ser muito divertido! O tio Alberto até deve gostar de saber que ficamos fora de casa.

- Como estão o Júlio e o David? - perguntou a tia. Ela era muito amiga dos seus sobrinhos, irmãos da Ana e portanto primos da Zé. - Não vêm a Kirrin durante estas férias?

- Não sei - respondeu a Ana. - Continuam em França numa excursão do colégio. Sinto-me diferente quando não estou com eles. A Zé vai ficar furiosa ao saber que naturalmente não aparecem por cá. Eu não chego para a divertir!

Ao meio-dia a Ana estava parada pacientemente no fim do Caminho dos Carroceiros. Este seguia através do campo e terminava num carreiro sinuoso que não ia ter a nenhum sítio especial. Cresciam por ali grandes arbustos e algumas árvores. A Ana, levando às costas uma pasta onde metera as suas coisas, olhava para os campos em redor, na esperança de descobrir a Zé.

Mas a prima não aparecia. - Que maçada! - pensou a pequena. - Naturalmente mudou de ideias. Ou talvez o relógio de pulso dela tenha parado e não saiba que horas são. Mas pode muito bem calculá-las regulando-se pelo sol. Quanto tempo terei de esperar?

Sentou-se à sombra dum grande arbusto. Não estava ali havia um minuto quando ouviu um barulho.

- Psssst!

A Ana levantou-se logo. O som vinha do outro lado do arbusto. Meio escondidos entre as folhas estavam a Zé e o Tim! - Olá! - disse a Ana, surpreendida. - Não me viste chegar? Olá, querido Tim! Como vai a tua orelha? Não achas que fica tão engraçado com a rodela de cartão?

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

